



Líderes de Sarney, Lourenço e Sant'Anna foram efusivamente abraçados pelos companheiros após a vitória dos 5 anos

# Sarney só sairá em 1990

BRASILIA — O mandato do Presidente Sarney será de cinco anos. Portanto, a eleição direta para seu sucessor será realizada no dia 15 de novembro de 1989 — quando se completarão 29 anos que o eleitor brasileiro não vota para presidente. Sarney, assim, só deixará o governo no dia em que realmente quer — 15 de março de 1990. A decisão foi tomada pelo Constituinte por 328 votos contra 222 e três abstenções e foi amplamente comemorada no plenário pelos líderes do Governo, Carlos Sant'Anna e José Lourenço, este carregado nos ombros.

As galerias, que gritavam palavras de ordem a favor dos quatro anos como "o povo não aguenta Sarney até '90" chegaram a cantar o Hino Nacional durante a votação tentando mudar o voto dos cincoanistas. Quando o resultado apareceu no painel eletrônico veio a reação: "vendidos", gritaram exibindo cédulas de dinheiro, enquanto um grupo de quatroanistas abria uma faixa em frente à Mesa que dizia: "S-traição ao povo."

Em clima emocional e tenso, depois de 24 horas, tentando definir o mandato do Presidente Sarney a Constituinte decidiu que o próximo presidente será eleito no dia 15 de novembro do ano que vem e a posse ocorrerá no dia 15 de março de 1990. Na mesma votação garantiu o mandato de quatro anos para os atuais governadores e vice-governadores que exercem os governos até 15 de março de 1991. Nas disposições permanentes, a posse tanto de governadores como dos futuros presidentes — exceto do sucessor de Sarney — será sempre em 1º de janeiro.

A sessão, que teria que ser reaberta às

15h30min só iniciou às 16h10min, mas somente às 16h50min, o deputado Ulysses Guimarães anunciou o início do processo de votação. Os quatro anistas, a exemplo do que vinham fazendo desde a tarde de quarta-feira com o objetivo de esvaziar o plenário, voltaram a obstruir levantando sucessivas questões de ordem.

Durante duas horas os líderes Mário Covas do PMDB e Brandão Monteiro do PDT tentaram impedir a votação da fusão de emendas assinada pelos deputados Matheus Iensen (PMDB-PR), Basílio Villani (PMDB-PR) e Bonifácio Andrada (PDS-MG) que garantiu os cinco anos para Sarney, com o argumento de que a mesma era ilegal porque fundia o texto do Centrão, já aprovado, a emendas oferecidas ao texto da Sistematização que não havia sido votado.

Foi na contra-argumentação do deputado José Bonifácio que ocorreu a primeira manifestação das galerias, que passaram a exibir as mãos com apenas quatro dedos. Bonifácio disse que o tipo de fusão de emendas que seria votado era uma "praxe na Constituinte." Com firmeza, o deputado Ulysses Guimarães decidiu pela "regularidade da fusão", citou 12 exemplos de fusões anteriores já votadas e foi aplaudido pelos cincoanistas.

Quando os códigos começaram a ser registrados, as galerias explodiram em manifestações. Gritavam "quatro, quatro", ou "fora Sarney, diretas já", sempre respaldados pelos constituintes quatroanistas que acompanhavam o coro. Passaram então a cantar o Hino Nacional, mas desta vez foram os cinco anistas que acompanharam as galerias.



Sarney continua com Antônio Carlos e fará poucas mudanças

## Reforma ministerial deve ter início por Brossard

Transferir o ministro da Justiça, Paulo Brossard, para o Supremo Tribunal Federal e nomear para o cargo o atual presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Oscar Corrêa. Essa é a única alteração ministerial já acertada pelo presidente José Sarney, segundo dois assessores do Palácio do Planalto. O presidente pensa também em convocar para o ministério dois deputados: Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), atual líder do governo, e Ricardo Fiuzza (PFL-PE), coordenador do Centrão.

Os dois deputados, contudo, só terão chances em médio prazo. Carlos Sant'Anna é a alternativa de Sarney caso o ministro da Previdência, Renato Archer, peça demissão. Situação semelhante é a de Ricardo Fiuzza, nome do presidente para o Ministério da Indústria e do Comércio, em caso de saída espontânea do ministro José Hugo Castelo Branco. Uma terceira hipótese de mudança, esta remota, ocorre no Ministério do Trabalho.

**Conta-gotas** — "Amanhã será outro dia", disse no Congresso o ministro da Habitação, Prisco Vianna, em conversa com o deputado Gilson Machado (PFL-PE), ao avaliar as possibilidades de mudanças por causa da vitória do mandato de cinco anos.

Que ninguém espere, contudo, qualquer revolução no governo. Convencido de que não enfrentará mais questionamentos à legitimidade de seu mandato, o presidente Sarney vai fazer alterações em conta-gotas, informa-se no Palácio do Planalto. Hoje ele reúne o ministério para pedir apoio à nova base de sustentação parlamentar do governo — o grupo que votou nos cinco anos. Até o retorno de Nova Iorque, para onde embarca domingo, não deverá acontecer nada.

"De agora em diante, que ninguém mais

ouse questionar a legitimidade do presidente, porque ele vai ter todos os direitos de governar a sua maneira", disse o senador Alvaro Pacheco (PFL-PI), amigo e confidente de Sarney.

**Ulysses** — Sarney pretende fazer mudanças em escalões inferiores do governo, mas sem ferir o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães. O assessor especial de Sarney, Thalles Ramalho, articula a escolha de Ulysses como o vice-presidente da República. O meio mais fácil, conforme se especula, seria reeleger Ulysses presidente da Câmara. Por esta fórmula ele é, automaticamente o vice-presidente, de acordo com a lei.

Acontece que há resistências. "Jamais apoiarei uma coisa desta", disse o líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço. O governo poderá tentar uma eleição indireta com sua base parlamentar no Congresso, para garantir o posto de vice-presidente *biônico*. Ulysses até o fim do mandato de Sarney.

Na área econômica o governo vai seguir o cardápio do FMI e as linhas do ministro de Fazenda, Mailson da Nóbrega, com uma novidade, segundo um informante: o senador Roberto Campos (PDS-MT) será convocado a assessorar o governo. Ministro dos governos militares, Campos não aceitará cargos mas vai ser ouvido, garante a fonte. Controlando a economia, Sarney, na verdade, começa a articular alianças regionais para a sucessão presidencial.

A nomeação do deputado Ricardo Fiuzza para o ministério, por exemplo, seria uma maneira de anular o poder do senador Marco Maciel em Pernambuco. O informante cita também a possibilidade de que o deputado Arnaldo Prieto (PFL-RS) substitua Almir Pazzianotto no Ministério do Trabalho, para encurtar o senador Carlos Chiarelli (PFL) no Rio Grande do Sul.

## Tema na ONU será desarmamento

Liberado pela aprovação na Constituinte dos cinco anos de seu mandato, o presidente José Sarney embarca no domingo para Nova Iorque onde vai discutir desarmamento na terceira sessão especial da Assembleia das Nações Unidas (ONU). O discurso que fará na terça-feira, dia 7, diante de representantes de mais de 150 países, ainda está sendo preparado pelo próprio Sarney, mas as linhas gerais foram definidas: o presidente reivindicará maior participação dos países em desenvolvimento nas decisões sobre segurança e desarmamento.

Sarney não queria viajar antes da decisão sobre o seu mandato. Com a definição, no final da tarde de ontem, o Palácio do Planalto está apressando os preparativos de uma série de viagens que começa pelos Estados Unidos e no início de julho se estende à China, com escala em Roma. A sessão especial da ONU sobre desarmamento, segundo o Itamarati, terá grande peso político porque vai consolidar

posições discutidas no encontro dos chefes das superpotências, Reagan e Gorbachov.

Sarney, em Nova Iorque, já tem encontros confirmados com os presidentes de Portugal, Mário Soares, da Colômbia, Virgílio Barco, do México, Miguel de La Madrid, e de Chipre, Jorge Varsiliou. Estarão presentes à sessão especial cerca de 20 chefes de estado e de governo, que debaterão basicamente três pontos principais: desarmamento nuclear; desmilitarização do espaço cósmico (guerra nas estrelas); e propostas conjuntas para proscição de armas químicas. Os três pontos são considerados pelo governo brasileiro como fundamentais para um acordo sobre desarmamento.

Sarney chegará em Nova Iorque às 20 horas de domingo, e se hospedará no Hotel Intercontinental. Na terça-feira, tem encontro às 9h com o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar. As 10h, fará o discurso, dizendo que o jogo decisivo sobre desarmamento não deve se esgotar nos debates entre as grandes potências.

## Direita boceja e depois faz festa

"Agora, eu vou ao Planalto perguntar ao presidente: e agora José?" Foi a resposta aliviada do líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, minutos depois da vitória dos cinco anos, à pergunta de um jornalista. Emocionado, Sant'Anna abraçava demoradamente seu filho e secretário André. Exaustas pelas longas horas de vigília em plenário, as bancadas do Centrão e da direita seguiram a estratégia de não levantar questões de ordem e não responder às provocações da esquerda e das galerias. A direita ouviu, durante quase duas horas, as intermináveis questões de ordem levantadas pela esquerda.



Matheus Iensen

O senador Jarbas Passarinho (PDS-PA) cochilou durante alguns momentos enquanto atrás dele, o deputado Flávio Rocha (PL-RJ) bocejava. Ao seu lado, imperturbável e desligado dos debates, o deputado José Camargo (PFL-SP) leu um jornal durante horas. Mais atrás, o deputado Júlio Campos (PDS-MT) fazia palavras cruzadas.

No entanto, quando o painel eletrônico mostrou o resultado de 328 votos a favor dos cinco anos, contra 222 pelos quatro, a direita explodiu e saltou das cadeiras. Emocionados, os deputados Matheus Iensen (PMDB-PR), Nilson Gibson (PMDB-PE) e um outro pefelista abraçaram-se e começaram a saltitar juntos. O deputado Gilson Machado (PFL-PE) apontava para as galerias, que viaavam o resultado, e gritava, indicando o painel eletrônico: "Olhem lá, olhem lá." No meio do plenário, diversos deputados tentavam carregar nos braços José Lourenço e Basílio Villani.

## Covas sente mesma frustração de 84

"É uma frustração somente comparável à das diretas, em 1984. Mas a luta continua", disse emocionado, o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, espremido entre companheiros do partido e jornalistas, cinco minutos depois de encerrada a votação que deu cinco anos de mandato para o presidente José Sarney. Foi o primeiro sinal de desânimo de quem, nos últimos dias, foi o único defensor dos quatro anos a não admitir publicamente a derrota com antecedência — e o fecho para um dia que começara bem mais agradável: às 9h15min, em seu gabinete foi cercado por um grupo de farmacêuticos que lhe propôs fundar os primeiros comitês para sua candidatura à presidência da República.



Mário Covas

"Você quer saber o que é que vai acontecer agora? O que vai acontecer é que, depois de votado o mandato, vai se ter dificuldade de votar qualquer coisa e ainda vão pedir para suspender as sessões para se negociar os muitos erros do texto do Centrão", previu Covas por volta das 15h, no restaurante do Senado, onde esperou por mais de 30 minutos que vagasse uma mesa para que pudesse almoçar com o governador Fernando Collor de Mello.

Pontualmente às 9h10min, Covas chegou ao Congresso e quase encontra com o ministro da Habitação, Prisco Vianna, que chegou três minutos antes disposto a conferir de perto os votos favoráveis ao governo. "O país vai levar pelo menos uns 20 anos para superar essa crise de vergonha", comentou Covas, dizendo-se indignado com as denúncias de aliciamento de votos por parte do governo.

## "Só Deus sabe quanto custou"

Assim que seu voto favorável aos quatro anos de mandato ao presidente José Sarney apareceu no painel eletrônico da Constituinte, a deputada Myrlam Portela (PDS-PI) revelou, visivelmente emocionada: "Votar pelos cinco anos seria a decisão mais amarga da minha vida, mas só Deus sabe o quanto me custou essa decisão". A pressão para que Myrlam votasse pelos cinco anos não partiu apenas do Palácio do Planalto. "Ela passou por uma fase difícil. A maior pressão veio do próprio marido, o vice-governador do Piauí, Lucídio Portela", disse Beth Azize (PSB-AM). Antes da votação do mandato, a deputada Irma Passoni (PT-SP), revoltada, ocupou a tribuna da Constituinte para dizer: "Há aqui uma colega nossa que vem sofrendo pressão do marido, que ameaça deixá-la, caso vote pelos quatro anos".

## Rita vota nos 4, com consciência

A deputada Rita Camata (PMDB-ES) indicou o representante da LBA no Espírito Santo, com o apoio da bancada do seu partido, segundo um dos assessores do gabinete do senador Gerson Camata, seu marido. Embora não tenha sido acusada de ter mudado o voto em função do cargo na LBA, mesmo porque a indicação foi feita há dois anos, ela resolveu ficar com os quatro anos. O que as fontes do governo disseram, e o JORNAL DO BRASIL publicou, foi que Rita era considerada pelas lideranças oficiais uma parlamentar "prestigiada". Rita, com seu voto, pensou no futuro. Candidata a prefeita de Vitória, declarou: "Votei com minha consciência".